

# FH, a volta do social-democrata

TALES FARIA e  
MARIA LIMA

Ailton de Freitas

BRASÍLIA — Passada a votação da Ordem Econômica no Congresso, o presidente Fernando Henrique Cardoso buscará a retomada de sua imagem social-democrata. O momento da mudança ainda não está decidido, mas o presidente se considera injustiçado pelas críticas das esquerdas e do movimento sindical que tentam vincular seu perfil ao dos liberais com os quais está aliado no Governo.

Enquanto esquentam entre os assessores do Palácio do Planalto a discussão sobre a intensidade da mudança e sua época mais adequada, Fernando Henrique já dá os primeiros sinais de que não aceitará que o classifiquem como um neoliberal. Disse a seus assessores para não mais incentivarem as comparações entre ele e a ex-primeira-ministra da Inglaterra Margaret Thatcher, tão cultivadas durante a greve dos petroleiros. A comparação nasceu no gabinete do presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA). Principal aliado na votação das reformas, Luís Eduardo foi o primeiro a defender que o presidente tivesse, como os petroleiros, atitudes duras como a de Thatcher durante uma greve de mineiros na Inglaterra.

— A Inglaterra não tem nada a ver com o Brasil e Fernando Henrique não tem nada a ver com Margaret Thatcher — disse o ministro do Planejamento, José Serra, durante sua passagem pelo Congresso, quinta-feira.

O deputado tucano Domingos Leonelli, um dissidente que votou contra a quebra do monopólio do petróleo, discorda:

— O rolo compressor no Congresso e a rigidez com os petroleiros tornaram a figura do presidente hoje idêntica à do pefelista Luís Eduardo Magalhães.

Mas nem só entre os dissidentes do PSDB está a constatação. Também entre aqueles que concordaram com a necessidade das reformas, como o presidente da Radiobrás, Maurílio Ferreira Lima. Mas com outras palavras:



O presidente Fernando Henrique Cardoso: estratégia para mostrar que, ao lado de liberais, é social-democrata

— As reformas eram necessárias para o país, mas não podemos deixar que a oposição classifique o presidente como um entreguista. Precisamos deixar claro que o Governo caminha na direção de um novo nacionalismo, moderno e competitivo.

Dentro do Palácio do Planalto, Maurílio sofre a oposição do secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge Caldas. Ele teme que uma guinada à esquerda do

presidente, agora, afaste os aliados à direita já conquistados:

— O presidente não é PFL. Ele é tucano. Não tem que tomar qualquer atitude para provar que continua social-democrata.

O líder tucano na Câmara, José Aníbal, vai mais longe. Defende junto ao presidente que — logo nas negociações salariais de junho e julho e na reforma da Previdência — comece a aproximação com os partidos de es-

querda. Na tese de Aníbal, o PFL racha no apoio ao Governo em meio às discussões do segundo semestre, incluindo as reformas tributária e administrativa, e será necessário buscar apoio nas esquerdas. Caberia ao PSDB essa interlocução.

A reação no PFL já começou. Líder do partido na Câmara, Inocêncio de Oliveira abre as baterias contra os tucanos:

— O Governo não está muito pefelista. Fernando Henrique tem que ser mais PFL porque é o partido que lhe dá mais apoio, enquanto outros só buscam os bônus e fogem dos ônus de ser Governo. Estão iludidos os que imaginam rachas futuros.

Luís Eduardo Magalhães também vai para a briga e cobra que o Governo mantenha o mesmo perfil. Segundo ele, não cabe se-

quer discutir, por exemplo, a recontratação dos petroleiros demitidos durante a greve, como defendem dentro do Governo alguns tucanos.

— Não é uma questão de imagem, nem de liberalismo ou social-democracia, mas de tomar decisões acertadas. O Governo tem vencido porque tem acertado. Quero ver se o PSDB coloca no seu programa que é certo readmitir grevistas.